

# Sacristia sustentável: *Liturgia e Ecologia*

DANIEL CARVALHO

Não é novidade que Liturgia e Ecologia se implicam mutuamente. Afinal, as matérias assumidas – óleos, vinhos, pães, cálices...<sup>1</sup> – no rito litúrgico são todas resultantes de bens extraídos da natureza e, posteriormente, transformados em produtos. A palavra “produto” (própria da semântica do mercado) exige o reconhecimento do fato de que também a Economia tem implicações correlativas à Liturgia e à Ecologia. O teólogo Angelo Cardita, ao afirmar que “nos países que não produzem trigo, uma eucaristia pode ser muito cara”<sup>2</sup>, sintetiza de forma translúcida os modos pelos quais Liturgia, Ecologia e Economia estão imbricadas.

Os “frutos da terra e do trabalho humano” erguidos no rito de apresentação das oferendas contêm e expressam as três dimensões: a ecológica, a econômica e a litúrgica. Considerando esse entrelaçamento, bem como a crise climática associada ao aquecimento global e, por fim, os apelos do papa Francisco na encíclica *Laudato Si'*, parece fundamental tecer reflexões mais acuradas sobre como as celebrações litúrgicas que promovemos transparecem o modo como nos relacionamos com a Terra, a qual é reconhecida, pelo papa, à luz do paradigma novo da *Ecologia integral*<sup>3</sup>, como nossa “Casa Comum”<sup>4</sup>, onde tudo está interligado e todas as coisas interdependem umas das outras.

Há mais de uma década, apresentando reflexões desenvolvidas a partir da Semana de Liturgia de 2008, que teve como tema, justamente, a relação entre Liturgia e Ecologia, a teóloga Ione Buyst já questionava sobre como a consciência da crise climática e desta nova cosmologia em que tudo está integrado incidiriam sobre a celebração do Mistério Pascal de Cristo em nossas liturgias<sup>5</sup>. Como celebrar o mistério da salvação em face de um cataclisma generalizado? Buyst indagava, ainda, sobre como a pedagogia litúrgica poderia contribuir para o desenvolvimento

de sensibilidades mais comprometidas com as causas ecológicas. Tais questionamentos, certamente, atingiram seu apogeu com o Sínodo para a Amazônia, realizado em 2019, e, depois, com a exortação pós-sinodal Querida Amazônia (QA), publicada em 2020, na qual consta uma nota de rodapé (relacionada ao n. 82) onde se lê: “No Sínodo, surgiu a proposta de se elaborar um ‘rito amazônico’”<sup>6</sup>.

A Amazônia, que já ocupava o primeiro lugar nas pautas de discussão sobre a governança global desde a perspectiva ambiental, passou a ocupar um espaço bastante central também nas discussões teológicas e litúrgicas, nestas últimas, sobretudo, graças aos números 81 a 84 da QA. Outro fato significativo é que, com a instituição canônica da Conferência Eclesial da Amazônia (CEAMA), em 2021, criou-se um Núcleo de Liturgia, que recebeu a incumbência de propor um rito amazônico (talvez o 25º rito *sui iuris* da Igreja Católica).<sup>7</sup> Esta é, de modo geral, a panorâmica atual sobre Liturgia e Ecologia na Amazônia.

Se tomarmos o bioma amazônico como chão da reflexão inicial que empenhamos, é possível levantar questionamentos, por exemplo, acerca do uso de minerais preciosos para a confecção de vasos sagrados, especialmente se tivermos em vista os inúmeros casos de contaminação de rios, peixes e comunidades indígenas<sup>8</sup> devido ao uso de mercúrio na mineração ilegal de ouro. Além disso, o território amazônico, em constante expansão de suas fronteiras agrícolas devido às grilagens de terra e às invasões das reservas legais, embora não seja uma região onde se produza trigo, é conhecida pelo uso quase indiscriminado de agrotóxicos. Essa realidade também faz pensar.

Uma questão que, naturalmente, se interpõe é: haveria, no pão que apresentamos, e sobre o qual damos graças ao Senhor e que depois comungamos, resquícios de pestici-



das? E isso não é tudo. Segundo dados da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), entre 2019 e 2020 o Brasil produziu em torno de 54% do trigo que consumiu. O restante foi importado, em sua maior parte, da Argentina<sup>9</sup>. Vale recordar que a Argentina foi o primeiro – de sete países do mundo até 2022 – a aprovar o cultivo e o consumo do trigo geneticamente modificado conhecido como HB4. Essa mutação genética específica serve para permitir a aplicação de glufosinato de amônio, substância classificada pela Organização Mundial da Saúde como cancerígena. São somente dois exemplos, mas é inegável que se configurem como potenciais pontos de inflexão.

Na contramão disso, por felicidade, é possível encontrar experiências alternativas que também dão o que pensar. A ideia de *sustentabilidade* – que tem ocupado espaços centrais nos debates atuais e, em boa medida, dado vazão à criatividade humana em muitas frentes – visa a melhoria da qualidade de vida de todo o coletivo humano sem, no entanto, aumentar o uso de bens naturais além da capacidade do planeta<sup>10</sup>. Há que se considerar, no entanto, que a sustentabilidade – a capacidade de manter viva a Terra e os microssistemas inerentes a ela – é uma meta. E como toda meta, supõe níveis de progressão (e de regressão) em direção a ela.

Quantas mais iniciativas sustentáveis uma sociedade conseguir efetivar, mais próxima da meta ela estará. Para bem compreender, pensemos, por exemplo, nas comunidades paroquiais que cultivam jardins com o intuito de não comprarem flores para a ornamentação de seus espaços sagrados. Por um lado, elas dispensam o uso do combustível fóssil (não renovável) que seria utilizado no transporte das flores compradas. Por outro, poderão, possivelmente, depender do uso de energia elétrica (geralmente oriunda de fonte não renovável) para retirar água de um poço e irrigar o jardim. Evita um, mas não prescinde do outro. Tais exemplos, efetivamente, não representam o conjunto das variáveis possíveis.

Nesse jogo de possibilidades e limites, em busca de empregar, na liturgia, produtos mais sustentáveis, uma pequena paróquia no interior de Goiás<sup>11</sup> decidiu produzir, entre outras coisas<sup>12</sup>, velas e círios confeccionados com cera orgânica e partículas feitas com trigo orgânico oriundo da agricultura familiar. O sistema de produção artesanal garante trabalho à equipe de colaboradores que

também administra, aos moldes da economia solidária, os recursos adquiridos com a comercialização dos produtos. A emergência de iniciativas dessa natureza se constitui, espontaneamente, como um questionamento sobre a origem dos produtos<sup>13</sup> que comumente consumimos nas liturgias que celebramos. A reflexão sobre a procedência deles – se são transgênicos, se estão contaminados por agrotóxicos, se utilizam mão de obra de pessoas em situação análoga à escravidão... – de modo geral, não está presente nos diálogos das equipes de celebração e dos grupos de pastoral litúrgica. Tal realidade, à luz da *Ecologia Integral* proposta pelo Papa Francisco na *Laudato Si'*, indubitavelmente, requer mais atenção.

Se os dons apresentados no rito das oferendas são símbolos – mas também memória e profecia – de todos os pães que saciam a humanidade e, mais ainda, de toda a Criação<sup>14</sup>, é preciso sopesar, no mínimo, a seguinte questão: o pão que apresentamos é somente um símbolo que constata e evidencia a situação da produção alimentar hegemônica atual? Ou deve ser um símbolo que denuncia a alimentação envenenada – desde o leite materno<sup>15</sup> – que temos consumido e anuncia alternativas para refeições que sejam, além de fraternas, saudáveis? Pessoalmente, confesso que, diante de um pacote de partículas (hóstias) no qual se podia ler “farinha de trigo orgânica produzida pela agricultura familiar”, me quedei interpelado e desconcertado por imaginar, pela primeira vez, que o pão que apresentamos e comungamos pode não ser tão puro quanto a esperada “fina flor do trigo” (Sl 82,17). Aquele pacote contribuiu para despertar em mim, a partir do contexto litúrgico, a sensibilidade<sup>16</sup> com a defesa das causas ecológicas.

O papa Francisco recorda, na *Laudato Si'* que os “sacramentos constituem um modo privilegiado em que a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural”<sup>16</sup>. O fato é que, no que tange à alimentação humana, natureza e cultura se entrelaçam profundamente. E a cultura atual é marcada pelo paradigma hegemônico do mercado, da tecnociência e da mídia<sup>17</sup>, que mercantiliza a vida, esvazia os valores éticos e condiciona a noção de verdade à de eficácia. O trigo produzido para o mercado é fruto da tecnociência que o transmuta a fim de garantir o lucro da produção<sup>18</sup>. Em decorrência disso, cabe sempre repetirmos a pergunta de Boselli<sup>20</sup> acerca dos



dons apresentados, neste caso, enfocando sua materialidade. Afinal: *Quid praesentatur?* (o que é apresentado?).

**Daniel Carvalho** é leigo, originário da Diocese de Goiás/GO. Atualmente desenvolve pesquisa de doutorado em Ciências da Religião (PUC Goiás) com ênfase no tema da inculturação litúrgica na Amazônia. Compõe o GT 04 do Núcleo para o Rito Amazônico criado pela Conferência Eclesial da Amazônia.

<sup>1</sup> Sem mencionar as vestes, os altares, os assentos da assembleia nos espaços sagrados e outros.

<sup>2</sup> CARDITA, A. A Liturgia e a “interrupção” da Ecologia e da Economia. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 325-341, jul./dez. 2011. p. 326.

<sup>3</sup> Sobre o tema, cf.: TAVARES, Sinivaldo. *Ecologia e decolonialidade*: implicações mútuas. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 33-50.

<sup>4</sup> Cf. FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. (24 de maio de 2015). [Città del Vaticano]: Dicastero per la Comunicazione: Libreria Editrice Vaticana, [2022a]. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html). Acesso em: 20 nov. 2022.

<sup>5</sup> BUYST, I. O que Liturgia tem a ver com Ecologia? *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 217, p. 4-6, jan./fev. 2010. p. 4.

<sup>6</sup> FRANCISCO. Exortação pós-sinodal Querida Amazônia. (2 de fevereiro de 2020). [Città del Vaticano]: Dicastero per la Comunicazione: Libreria Editrice Vaticana, [2022b]. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20200202\\_querida-amazonia.html#\\_ftn120](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html#_ftn120). Acesso em: 20 nov. 2022.

<sup>7</sup> Cf. “CORRESPONDERÁ à Conferência Eclesial da Amazônia a elaboração de um rito amazônico”: entrevista com Victor Codina. In: INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS; ADITAL. *Revista IHU Online*: São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 16 jul. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/601031>. Acesso em: 20 nov. 2022.

<sup>8</sup> Caso paradigmático é o dos Munduruku, às margens do rio Tapajós, nos municípios de Trairão e Itaituba/PA, que, segundo estudos da Fiocruz realizados em 2020, têm toda a população contaminada por mercúrio, o que compromete o neurodesenvolvimento das crianças, a reprodução dos adultos e a segurança alimentar da comunidade, uma vez que a principal fonte de contaminação das pessoas é a ingestão de peixes contaminados.

<sup>9</sup> Cf. COELHO, J. Dantas. Trigo: produção e mercados. *Caderno Setorial ETENE*, [Fortaleza], ano 5, n. 151, p. 1-9, jan. 2021. Disponível em: [https://www.bnb.gov.br/s482-dspace/bitstream/123456789/636/3/2021\\_CDS\\_151.pdf](https://www.bnb.gov.br/s482-dspace/bitstream/123456789/636/3/2021_CDS_151.pdf). Acesso em 20 nov. 2022.

<sup>10</sup> MIKHAILOVA, Irina. Sustentabilidade: evolução dos conceitos teóricos e os problemas da mensuração prática. *Revista Economia e Desenvolvimento*, Santa Maria, n. 16, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/eed/article/view/3442>. Acesso em: 23 nov. 2022.

<sup>11</sup> Paróquia Nossa Senhora Aparecida, na cidade Heitorai, pertencente à Diocese de Goiás.

<sup>12</sup> Merecem destaque as alfaias, costuradas e bordadas pelas mulheres da cidade, e as capas para Evangelário, produzidas com materiais (alumínio, pedras, madeira) reciclados.

<sup>13</sup> Comerciadados sob o selo Sacristia sustentável e distribuídos por uma loja, A casa do padre, em Luziânia, no entorno de Brasília/DF.

<sup>14</sup> BOSELLI, Goffredo. O sentido espiritual da liturgia. Brasília, Edições CNBB. 2014, p. 78-94.

<sup>15</sup> Sobre a contaminação do leite materno, cf. CORRALO, V. S. et al. Presença de pesticidas organoclorados no leite materno: fatores de contaminação e efeitos à saúde humana. *Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*, Uberlândia, v. 12, n. 22, jun. 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/30933>. Acesso em: 24 nov. 22. Vale ressaltar ainda que, conforme estudos especializados, o Brasil é o país que, atualmente mais consome agrotóxicos no mundo, chegando à exorbitante média individual de 7 kg por ano. Cf. FROTA, M. T. B. A.; SIQUEIRA, C. E. Agrotóxicos: os venenos ocultos na nossa mesa. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00004321>. Acesso em 24 nov. 2022.

<sup>16</sup> FRANCISCO, [2022a], n. 235.

<sup>17</sup> Cf. Ibid., n. 106-114; TAVARES, op. cit., p. 15-31.

<sup>18</sup> O cardeal Hummes, por ocasião do dia da Amazônia, em 2021, afirmou: “a produção de alimentos, que antes era chamada de agricultura, foi transformada em agronegócio. Saiu o cultivo e entrou o lucro. E em nome do lucro, envenenam os alimentos e, por conseguinte, a terra, as águas e os ares. Esse modelo de produção, além de desrespeitar a natureza, acaba produzindo fome e miséria. Criam-se imensos desertos verdes onde a monocultura impera e, ao final das contas, o que se produz não é mais alimento” (HUMMES, C. Celebrar o dia da Amazônia: como? In: CORREIO BRASILENSE. *Opinião*. Brasília, DF: Diários Associados, 5 set. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/opinio/2021/09/4947754-claudio-hummes-celebrar-o-dia-da-amazonia-como.html>. Acesso em: 23 nov. 2022).

<sup>19</sup> BOSELLI, op. cit. p. 88.



## Hóstias produzidas com “farinha de trigo orgânica pela agricultura familiar”

Rua Jorge Gama 140  
centro. Heitorai-Goias  
Tel.: 62 99803-9471